

Lazer e tempo: buscando compreensões no processo de globalização¹

Leisure and Time: Searching understandings in globalization process

Heloisa Turini Bruhns²

RESUMO : *O lazer e o trabalho têm sofrido alterações profundas nos últimos anos, num processo requerendo novas mentalidades para a compreensão das mesmas. Este trabalho parte desta premissa, pretendendo desenvolver uma reflexão acerca da relação entre o lazer, a cultura e a tecnologia, introduzindo a discussão sobre a compressão do tempo, num contexto onde a aceleração do avanço tecnológico, da comunicação, da interdependência, viabilizam acessos maiores às informações, características do processo de globalização.*

PALAVRAS-CHAVE: *Lazer, Cultura, Tecnologia.*



artindo de reflexões desenvolvidas anteriormente³ acerca da relação entre o lazer, a cultura e a tecnologia, pretendo aqui prosseguir com esse assunto, acrescentando novos elementos.

Para tal, recorrerei à discussão sobre a compressão do tempo, num contexto onde a aceleração do avanço tecnológico, da comunicação, da interdependência, viabilizam um acesso maior às informações, características do processo de globalização.

¹ Parte deste texto foi apresentado no V Congresso Mundial de Lazer e Recreação, ocorrido em São Paulo, out. 1998.

² Professora Doutora do Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física/UNICAMP.
E-mail: bruhns@obelix.unicamp.br

³ Desenvolvi esse tema no artigo "Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspectos da globalização". (BRUHNS, 1998)

De uma situação onde “passava-se o tempo” THOMPSON(1991), referindo-se á sociedade pré-industrial, transitou-se para outra onde predominou o “gastar o tempo” (tempo-mercadoria).

Atualmente observa-se uma avassaladora compressão dos nossos mundos espacial e temporal. O tempo deve ser cada vez mais “encurtado” ou melhor, comprimido (HARVEY, 1993).

De modo geral, HARVEY(1993, p.219), explica como a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, “*ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós*”.

Torna-se um desafio a experiência da compressão, concomitantemente a um estímulo, uma tensão, e às vezes “uma profunda perturbação”, podendo provocar uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas, numa época onde as imagens adquirem cada vez mais predominância no cotidiano, destacando-se as referentes ao corpo humano.

Sobre as imagens do corpo

O corpo pode ser focado numa competição de mercados, onde imagens podem ser adquiridas, relacionadas a concepções de corpo, ou através da compra de signos, como roupas de grife e carros da moda, passando a constituir, como discute HARVEY (1993), um elemento importante da auto-representação nos mercados de trabalho e, por extensão firmando-se como “*parte integrante da busca de identidade individual, auto-realização e significado na vida*”⁴

A ênfase na aparência física mostra-se um processo exacerbado em nossa sociedade, reforçado através de imagens visuais como um dos elementos impulsionadores da sociedade de consumo.⁵

A negação de tabus repressivos relativos ao corpo e ao prazer ganham novos rostos, evidenciados na exposição desse corpo sob várias formas, desde a propaganda até a sexualidade. A busca por determinado corpo vem revelar-se como imposição na busca pela felicidade imaginada.

⁴ O autor (p.161) expõe como consultorias de imagem pessoal viraram um grande negócio na cidade de Nova Iorque, exemplificando através dos cursos frequentados por mais de um milhão de pessoas, intitulados “Image Assemblers”(Montadores de imagens), “Image Builders”(construtores de imagens), “Image Crafters”(artesãos da imagem) e “Image Creators” (criadores de imagem).

⁵ Parte dessa discussão foi desenvolvida no texto de minha autoria: “Lazer e esporte: o caso da caminhada e da corrida”, apresentado em mesa-redonda no IX Encontro nacional de Lazer e Recreação, ocorrido em Belo Horizonte, 1997.

A cultura inscreve-se sobre nossos corpos, tornando-se necessário examinar os modos particulares dessa ocorrência em diferentes sociedades, *“incluindo o papel das imagens sobre nossas percepções do corpo e os modos pelos quais a construção das identidades depende da construção das imagens do corpo”* (FEATHERSTON, p.54) revela duas características evidentes do caráter corpóreo: a finitude e a visibilidade. Quanto ao segundo, podemos evidenciar a dupla capacidade do nosso corpo: ver e ser visto. Essa dupla capacidade, constitui-se na base para nossos julgamentos sobre o *status* e o valor dos outros, tendo como parâmetro nossa observação dos seus corpos. Ao mesmo tempo, *“é visível a fonte do conhecimento baseado na observação através da qual os outros constroem julgamentos sobre nosso status e valor social a partir do que nós dizemos e fazemos”*. Essa visibilidade exerce um papel importante na comunicação entre as pessoas e nos encontros sociais. Devemos considerar as maneiras pelas quais *“a forma do corpo (suas várias características formais tipo volume, vigor, beleza) é culturalmente codificada para operar como um indicador de poder social e prestígio”* (p.54).

Podemos relacionar essa discussão com o conteúdo expresso numa reportagem intitulada *“Em busca do corpo desenhado”* da Revista Veja, onde duas questões são lançadas:

“Quem, com vergonha de expor o corpo, jamais recorreu a uma mentirinha para permanecer de camiseta na praia? E quem, também descontente com a forma física, já não inventou uma boa desculpa para fugir daquele churrasco na chácara do amigo só porque seria inevitável pintar um banho de piscina?”

(EM busca.... p.68)

Prosseguindo declara sobre a televisão, o cinema e principalmente a publicidade terem descoberto as vantagens de trabalhar com atores e modelos *“torneados com estátuas gregas”*, alertando: *“Quem se descuidar, num mundo assim, passa por desmazelado”*.

No final da mesma pode-se ler:

“Diante da pressão social que exige corpos magros e firmes, as pessoas estão perdendo o direito de se abandonar aos prazeres da mesa e ao descanso da vida sedentária (...) Num momento em que médicos recomendam controle de gordura e até empregadores fogem de candidatos obesos, para não mencionar parceiros

“amorosos, nada mau entrar numa malhação duas ou três vezes por semana”.



A reportagem afirma sobre o progresso na definição muscular aumentar o amor próprio de “forma alucinante”, concluindo:

“Até que se decrete que o ideal é ter corpo molenga e estufado, pesando sobre ombros estreitos e pernas de palito, é melhor pegar carona na tendência de frequentar uma academia de ginástica”. (p.77)

Na observação de FEATHERSTONE (1994, p.67-68), nenhuma outra sociedade na história, como a ocidental contemporânea, “produziu e disseminou tal volume de imagens do corpo humano através dos jornais, revistas, anúncios e das imagens do corpo em movimento na televisão e nos filmes”. Essas imagens e réplicas do corpo humano proliferam-se através da paisagem física das grandes cidades, dos *shoppings*, dos locais de diversão. A vasta maioria dessas imagens, expõe o autor,

“especialmente aquelas usadas para vender mercadorias e experiências por meio de anúncios, são imagens da juventude, saúde e beleza dos corpos. Uma boa parte da promoção da moda, da indústria de cosméticos e de cuidado com o corpo apresenta esses ideais de corpos como algo que deveria ser atingido”. (p.67-68)

Como preconiza a indústria cultural, a transformação pessoal é algo que está ao alcance de todos, através de uma transformação do corpo. Aqui, diz FEATHERSTONE(1994), *“a mensagem divulgada é simples: ‘se você parece bem, você se sente bem!’*”(p.68)

As transformações ao longo da história

Essas questões situam-se num horizonte onde o fermento, a instabilidade e qualidades fugidias relacionadas a determinada estética⁶, celebram a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais.

Tanto a arena do consumo como o domínio da produção de mercadorias, ganham facetas novas, quando comparadas com um período da expansão capitalista no pós-guerra, estendendo-se de 1945 até por volta de 1973 (HARVEY, 1993, p.119). Após essa expansão surge um período capitalista de rápida mudança, *“de fluidez e de incerteza - novos sistemas de produção e de marketing, caracterizados por processos de trabalho e mercados mais flexíveis, de mobilidade geográfica e de rápidas mudanças nas práticas de consumo”*. Surgem novos setores de produção, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, *“taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional”* (p.140).

⁶ Estética denominada “pós-moderna”, a qual relaciona-se com a acumulação flexível do capital, num confronto direto com a rigidez do fordismo, como demonstra HARVEY (1993, p.140)

Na arena do consumo, visualizamos duas tendências: a mobilização da moda em mercados de massa (opondo-se a mercados de elite), bem como a passagem do consumo de bens, para o consumo de serviços (pessoais, comerciais, educacionais, saúde, diversões, eventos, espetáculos). Quanto à primeira, nota-se uma aceleração do consumo, não somente em termos de roupas, ornamentos e decoração, mas também, como mostra HARVEY (1993) “ numa ampla gama de estilos de vida e atividades de recreação (hábitos de lazer e de esporte, estilos de música pop, videocassetes e jogos infantis, etc.)”.(p.258)

No domínio da produção nota-se uma ênfase nos valores e virtudes da instantaneidade.

Presenciamos uma sociedade do “descarte”, a qual evidencia-se na década de 1960. Além da descartabilidade de bens produzidos, criando um problema complexo em relação ao lixo, significa também capacidade de descartar valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apegos sob as mais diversas formas (pessoas, lugares, coisas, modos de ser e outros), ou seja, formas imediatas e tangíveis, pelas quais, evidencia HARVEY (1993), “o impulso acelerador da sociedade mais ampla” golpeou “a experiência cotidiana comum do indivíduo”. (p.258)

A necessidade capitalista de aceleração do tempo de giro no consumo (circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior) pode ter provocado, como discute HARVEY (1993, p.149) uma alteração na ênfase da produção de bens (exemplificada pelo autor através de facas e garfos, tendo um tempo de vida substancial), para a produção de eventos (exemplificada pelos espetáculos, possuindo um tempo de giro quase instantâneo).

Nesse processo, a imagem, a aparência, o espetáculo “*podem ser experimentados com uma intensidade (júbilo ou terror) possibilitada apenas pela sua apreciação como presentes puros e não relacionados no tempo*” (p.57). O caráter imediato dos eventos, o sensacionalismo do espetáculo (político, científico, militar, de divertimento ou outra espécie) “se tornam a matéria de que a consciência é forjada” (p.57). A perda paralela de profundidade ocorre como outra faceta da perda da temporalidade e da busca do impacto instantâneo (p.59).

A estética, ou os juízos de valor relacionados a ela⁷, denotam uma prioridade

⁷ A estetização pós-moderna frequentemente olha para as cenas de rua de empobrecimento, perda de poder, grafitagem e decadência como ingredientes para construir idéias dos produtores culturais, como uma cortina fantástica e um furacão não admitindo comentário social. Como elucida HARVEY (1993, p.301), “uma vez que os pobres ficam estetizados, a própria pobreza sai do nosso campo de visão social”

ao espaço, num contexto onde a simultaneidade aponta para uma aniquilação do espaço por meio do tempo (reduzindo a experiência a presentes “puros” e não relacionados no tempo), parte da dinâmica capitalista⁸, onde “as qualidades do lugar passam a ser enfatizadas em meio às crescentes abstrações do espaço” (...), daí o surgimento de termos como “resistências locais”, “determinismos locais”, etc. (HARVEY, 1993, P.248)

Exemplificando com as grandes metrópoles mundiais como bons “locais” para pensarmos esse assunto (pois agregam grupos que se destacam como feministas, trabalhadores, minorias étnicas imigrantes, etc., constituindo nichos de consumo), podemos introduzir a questão, considerando como a perspectiva modernista considerava a cidade seu *habitat* natural, ou como observa CERTEAU (1994), seu maquinário e herói.

O processo de desindustrialização e de reestruturação, resultou em poucas opções para as grandes cidades, além da competição entre si, como revela HARVEY (1993, p.92), “em especial como centros financeiros, de consumo e entretenimento. Dessa forma, podemos compreender a importância na criação de imagens para as cidades, através da organização de espaços urbanos espetaculares, tornando-se *“um meio de atrair capital e pessoas (do tipo certo) num período (que começou em 1973) de competição interurbana e de empreendimento urbano intensificados”* (p.92). Portanto, cidades e lugares preocupam-se com imagens positivas e de alta qualidade, buscando projetos urbanos e uma arquitetura almejando alcançar esses objetivos.

Aspectos supostamente destinados a dominar a paisagem urbana como as torres de vidro, os blocos de concreto e as lajes de aço, atravessando de Paris a Tóquio e do Rio a Montreal, os quais denunciavam

“todo ornamento como crime, todo individualismo como sentimentalismo e todo romantismo como kitsch, foram progressivamente sendo substituídos por blocos-torre ornamentados, praças medievais e vilas de pesca de imitação, habitações projetadas para as necessidades dos habitantes, fábricas e armazéns renovados e paisagens de toda espécie reabilitadas”.

⁸ A TV associada à transmissão por satélite possibilita ao mundo todo, diz HARVEY(1993, p.264) *“a assistência aos Jogos Olímpicos, à Copa do Mundo, à queda de um ditador, a uma reunião de cúpula política, a uma tragédia mortal... enquanto o turismo em massa, filmes feitos em locações espetaculares tornam uma ampla gama de experiências simuladas ou vuicárias daquilo que o mundo contém, acessível a muitas pessoas.”*

situação esta, segundo HARVEY (1993, p.45-46) justificando um ambiente urbano mais "satisfatório".

Essa restauração, com a conseqüente revalorização de áreas urbanas deterioradas convertidas em áreas "nobres", atingindo predominantemente demandas da classe média, representa muitas vezes, a expulsão dos antigos moradores de baixa renda, num processo denominado *gentrification* (FEATHERSTONE, 1995. p.30).

Portanto, ao explorarem os domínios dos gostos e preferências estéticas diferenciados (estimulando os nichos de consumo), os arquitetos e planejadores urbanos reenfatizaram um forte aspecto da acumulação de capital, privilegiando o consumo de uma camada de alta renda, provocando uma diferenciação na oferta de produtos no projeto urbano, ocultando deliberadamente, através dos domínios da cultura e do gosto, "a base real das distinções econômicas" (HARVEY, 1993. p.80-81).

Nessa situação, podemos refletir sobre a questão do prazer, tão presente nos discursos sobre o lazer enquanto repouso imposto pela racionalização do tempo. Críticos conservadores utilizam em suas falas a explicação da persistência do empobrecimento numa sociedade capitalista afluyente, como resultado da incapacidade dessa sociedade em adiar prazeres, numa atitude ingênua, por não perceberem o financiamento de certos prazeres, como uma das principais engrenagens do crescimento econômico (HARVEY, 1993. p.188).

Dois outros elementos inerentes a esse processo urbano podem ser introduzidos como possibilidades de reflexão : a presença do simulacro e do que HARVEY (1993) denomina de "indústria da herança".

BAUDRILLARD (1975, p.118), utilizando uma linguagem desenvolvida com críticas agudas à sociedade de consumo, utiliza-se do termo simulacro referindo-se a "modelos de simulação", os quais constituem a definição histórica e estrutural do consumo, exaltando sinais com base na recusa do real.

HARVEY (1993, p.261) especifica o simulacro na atual compressão espaço-tempo como " *um estado de réplica tão próxima da perfeição que a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser percebida*", o qual representado pelas produções de imagens, pode ser facilmente obtido com as técnicas modernas. Em domínios mais tangíveis, o simulacro surge significativamente, como nos modernos materiais de construção, com os quais é possível uma reprodução de prédios antigos com "uma exatidão que torna duvidosas a autenticidade ou a origem" (p.261).

O entrelaçamento de simulacros reúne, no mesmo espaço e tempo,

diferentes mundos (de mercadorias)⁹. Esse fenômeno é explorado em locais de diversão, como Epcott e Dineyworld. Torna-se possível, diz HARVEY (1993, p.270), referindo-se aos comerciais americanos relacionados a esses locais, “viver o Velho Mundo por um dia sem ter de estar lá de fato”. A implicação geral, prossegue, é de que, “*por meio da experiência de tudo - comida, hábitos culinários, música, televisão, espetáculos e cinema -, hoje é possível vivenciar a geografia do mundo vicariamente, com um simulacro*” (p.270), citando Jameson, para quem, “a verdade da experiência já não coincide com o lugar em que ela ocorre”.

Se a afirmação da identidade dependente de lugar, necessita de apoio na tradição, torna-se difícil “*manter qualquer sentido de continuidade histórica diante de todo o fluxo e efemeridade da acumulação flexível*”. Agora a preservação da tradição, ironicamente, ocorre via mercadificação e comercialização. HARVEY (1993) referindo-se a esta situação, expõe como a busca de raízes termina, na “pior das hipóteses”, sendo vendida e produzida “*como um simulacro ou pastiche (comunidades de imitação construídas para evocar imagens de algum passado agradável, o tecido de comunidades operárias tradicionais por uma pequena nobreza urbana)*”. (p.273)

Uma “indústria da herança” calcada na adesão da classe média, floresceu no início dos anos 1970, comercializando a história e formas culturais. Foi desenvolvida uma “cultura de museu”, como expõe o autor (p.64), exemplificando com o caso da Inglaterra, onde é aberto um museu a cada três semanas e, no Japão, onde mais de 500 foram abertos nos últimos quinze anos, lembrando Hewison, para quem a história parece ter se tornado uma criação contemporânea “antes um drama e uma re-representação de costumes do que discurso crítico”.

Repensando paradigmas

Se pensamos e vivemos em fragmentos de tempo, cada um dos quais seguindo sua própria trajetória e desaparecendo de imediato, numa aceitação ampla do fragmentário, do efêmero, do descontínuo, do caótico¹⁰ (um caos tolerado, porque pouco ameaçador para o controle geral), como devemos pensar o lazer nesse panorama?

⁹ Embora, como elucida o autor (p.271), isso oculte de maneira “quase perfeita quaisquer vestígios de origem, dos processos de trabalhos que o produziram ou das relações sociais implicadas em sua produção”.

¹⁰ Situação que, embora não totalizando a realidade, fascina grande número de pessoas, as quais nadam e se espojam nas fragmentárias e caóticas correntes de mudança.

Talvez necessitemos de outras estruturas narrativas, não mais as que supunham ser possível descrever um acontecimento como se este se desenrolasse coerentemente, evento após evento, no tempo. Estruturas incompatíveis numa realidade onde dois acontecimentos em lugares distintos e distantes ocorrem ao mesmo tempo, podendo se interrelacionar a ponto de modificar o funcionamento do mundo.

Aqui remeto-me às inquietações de GUTIERREZ (1997, p.52), o qual constata um momento atual de crise e transformação de paradigmas, as quais colocam a questão do lazer frente aos interrogantes atuais, “desde a perspectiva de propostas metodológicas contemporâneas, como por exemplo as denúncias do fim da sociedade do trabalho, ou os textos pós-modernos”. Prosseguindo, expõe como a definição de lazer hoje “está tão ameaçada e questionada como qualquer outra definição, principalmente se pensarmos que a questão teórica mais urgente é a concepção de trabalho frente às transformações tecnológicas, políticas e econômicas”, questionando: “Como fica este lazer, que é parte significativa do ‘não-trabalho’, frente ao desmoronamento da própria categoria trabalho?”

Frente a essas indagações, podemos retomar alguns elementos apontados por HARVEY (1993), não no sentido de respostas prontas, mas para alimentar a reflexão. O autor mostra como a transição do fordismo para a acumulação flexível foi realizada em etapas, por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas, tendo como meta a aceleração na produção, envolvendo acelerações paralelas na troca e no consumo. Surgiram mudanças como sucontratações, transferências de sede, etc. Para os trabalhadores, isso implicou “*uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho*”. (p. 257)

A acumulação flexível, diz o autor (p.144), parece implicar em níveis altos de desemprego “estrutural”, rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos (quando há) de salários reais e o retrocesso do poder sindical. Os efeitos agregados como cobertura de seguros, direitos de pensão, os níveis salariais e a segurança no emprego, “de modo algum parecem positivos do ponto de vista da população trabalhadora como um todo”. O rápido crescimento das economias “informais” ou “subterrâneas” também tem sido documentado em todo o mundo capitalista avançado.

Quanto ao aspecto da intensificação dos processos de trabalho, vamos verificar duas situações contidas na obra do autor supracitado. Na primeira,

nos mostra como a intensidade e velocidade da produção têm sido organizadas, em larga medida, de maneira a favorecer antes o capital do que o trabalho:

“Os telefonistas da AT&T assinam um contrato segundo o qual devem atender um telefonema a cada 28 segundos, os motoristas de caminhão se impõem extremos de resistência e quase morrem tomando pílulas para permanecer acordados, os controladores de vôo passam por extremos de tensão, os operários da linha de produção usam drogas e álcool, e isso faz parte de um ritmo diário de trabalho fixado pela obtenção de lucros, e não pela elaboração de escalas de trabalho humanas”.(p.211)

Na segunda, mostra como os dirigentes das empresas, cujo mandato médio caiu para cinco anos e, como empresas nominalmente envolvidas na produção, frequentemente buscando ganhos de curto prazo por intermédio de fusões, aquisições ou operações em mercados financeiros e de moedas, geraram num tal ambiente,

“todo tipo de efeito colateral, tal como o chamado ‘resfriado yuppie’ (uma condição de estafa psicológica que paralisa a ação de pessoas talentosas e produz duradouros sintomas semelhantes aos do resfriado) ou o frenético estilo de vida dos operadores financeiros, cujo vício de trabalhar , longas horas de trabalho e corrida pelo poder fazem deles excelentes candidatos para a espécie de mentalidade esquizofrênica...” (p.259).

Num ambiente mundial onde presencia-se a produção de dívidas associada a mudanças nos aspectos financeiros da organização capitalista e no papel do crédito, a especulação atrelada ao capital fictício, a criação de um único mercado mundial de dinheiro e de crédito, bem como a uma divisão internacional do trabalho, torna-se comum nos depoimentos dos executivos, a declaração sobre sentirem-se pertencendo ao mercado e não à empresa.

Uma nova configuração tem se apresentado, devido ao incremento do setor serviços e pelo alargamento da “ massa cultural ”, aumentando desigualdades de renda. Talvez, diz HARVEY (1993, p.181), “ *pressagiando o surgimento de uma nova aristocracia do trabalho, bem como a emergência de uma subclasse mal remunerada e totalmente sem poder*”.

Tentei aqui demonstrar como alguns aspectos do lazer, relacionados a esse quadro se manifestam nas cidades, onde mudanças arquitetônicas respondem

com propostas relacionadas à produção de imagens, atreladas a estilos de vida e a nichos de consumo, envolvendo simulacros e propostas de efeito instantâneo, sem a busca de profundidades, na dinâmica da sociedade do “descarte”.

Para finalizar, ilustrarei mostrando como esses novos conceitos de lazer e trabalho, manifestam-se em propostas arquitetônicas coadunando num mesmo espaço, vários elementos discutidos aqui. Vou utilizar como exemplo o lançamento de um empreendimento na cidade de São Paulo, parecendo-me o lançamento de uma idéia muito próxima aos conceitos que se aproximam dessa nova aristocracia do trabalho, quanto ao lazer e trabalho. O empreendimento denomina-se “Transamérica International Business Center”, o qual foi divulgado no jornal Folha de São Paulo, durante a segunda semana de setembro de 1998.

As chamadas são as seguintes: “Flat, office e duplex residence com serviços. A sinergia perfeita de um mixed use development”... “Projeto e localização preparados para maximizar seus lucros”.

A explicação do que se constitui o empreendimento: “Um conceito consagrado por sua concepção de sinergia e integração, gerando fluxo constante nas áreas de hospedagem, escritórios e residenciais...uma localização com grande potencial para crescimento e novos negócios...A proximidade com o Aeroporto de Congonhas valoriza ainda mais o empreendimento, pelo crescimento do mercado de feiras e eventos...investir no Transamérica International Business Center é ter a certeza de colocar seu capital no rumo certo: o da rentabilidade.

Os serviços e áreas de conveniência são explicitados, com enfoques individuais: World-Wilde Business Centers Network- proporciona o acesso aos maiores nomes do setor de terceirização de serviços do mundo; IBM- novas tecnologias em informática, telecomunicações e transmissão de dados ao empreendimento; Beauty Care- sofisticado centro de estética; coberturas - piscinas com vistas cinematográficas; Companhia Athletica - academia com os mais modernos aparelhos, além de piscina com raias e sauna com sala de descanso; Centro de eventos e rentabilidade para 400 pessoas; restaurante com *fusion food*.

Seria sinergia a palavra tradutora dos conceitos aqui relacionados ao trabalho e ao lazer? Incluindo também a moradia ou a residência temporária, como propõe o empreendimento, tudo unido por “uma rotunda de elevado impacto arquitetônico”. Uma associação simultânea de vários fatores contribuindo para uma ação coordenada. Aglutinar no mesmo local essas várias dimensões, numa

compressão do espaço-tempo, numa produção de signos e imagens e numa fragmentação social produzida pelas diferenciações oriundas no bojo desse processo...

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- BRUHNS, H. T. Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspectos da globalização. *Licere*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.77-94, 1998.
- _____. Lazer e esporte: O caso da caminhada e da corrida. In: ENCONTRO NACIONAL DE LAZER E RECREAÇÃO, 9, 1997. Belo Horizonte. *Coletânea*. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p.104-113.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994
- EM busca do corpo desenhado. *Veja*, São Paulo, p.68-77, 08 jan. 1997.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- _____. O curso da vida: Corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: DEBERT, G. G. (Org.) *Textos didáticos nº 13*, Campinas: IFCH/Unicamp, 1994. p.49-71.
- _____. *O desmanche da cultura – Globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1997.
- GUTIERREZ, L. G. O lazer na atualidade: contribuição para uma reflexão metodológica. In: *ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA*, 5, Maceió. *Coletânea*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997. p.52-55.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: TOMAZ, T. S. *Educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. P.44-93.

ABSTRACT: *This paper discuss about leisure, technology and time, taking a contemporary moment for analysis, where we are in a frenzied rhythm life, causing many unbalances. In this scene, leisure acquires changes, needing new approaches.*

KEY WORDS: *Leisure, Culture, Technology.*